

As escavações arqueológicas no Forte de Orange

Marcos Antonio Gomes de Mattos de Albuquerque (*) (**);

(*) Laboratório de Arqueologia do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco, (**) Pesquisador do CNPq

Introdução

O Canal de Santa Cruz, antigo rio Jussará, separa a Ilha de Itamaracá do continente na porção norte do litoral do Estado de Pernambuco. Este Canal, em sua barra sul, constituía-se na entrada para o principal porto de escoamento do açúcar dos engenhos do norte da Capitania. Já em 1516 com a Feitoria de Cristóvão Jaques aquele era um dos portos mais freqüentados do litoral. Ali desembarcara em 1535 o primeiro Donatário, Duarte Coelho. Numerosos rios que cortavam as terras canavieiras da região desaguavam neste canal. Assim, suas águas representavam a principal via de acesso aos numerosos engenhos da região. Deste modo, a área que constituía o epicentro da colonização da capitania de Pernambuco, manteria por muito tempo grande importância geopolítica.

Dominar a entrada deste Canal significava proteger os moradores das vilas da região (Igarassu, em Pernambuco, e Vila Conceição, em Itamaracá), e a própria economia regional, desde os engenhos aos armazéns que estocavam o açúcar para ser embarcado.

Os portugueses estabeleceram suas defesas na Vila Conceição, mais próxima ao porto. Os holandeses, tão logo dominaram Olinda e o Recife, já em 1631, voltaram suas atenções para o porto mais antigo, que atendia aos engenhos e vilas do norte. Repelidos no ataque que impetraram contra a Vila Conceição¹, estabeleceram sua base em uma ilhota, bem próxima à barra do Canal. Paulatinamente reforçaram as defesas daquele primeiro assentamento militar e posteriormente construíram uma estrutura de defesa planejada aos moldes holandeses, a que deram o nome de Forte Orange².

Após a saída dos holandeses de Pernambuco, em 1654, o forte foi ocupado pelos luso-brasileiros e posteriormente modificado. Este novo forte recebeu a denominação de Fortaleza de Santa Cruz, porém, no inconsciente coletivo, permaneceu a denominação de Forte de Orange, como ainda é conhecido nos dias atuais.

Desarmado e abandonado, a Fortaleza entrou em processo de arruinamento. Em 1938 foi tombada como Monumento Nacional, e a partir de então foi alvo da atenção de projetos e ações de restauração, como a realizada nos anos 70. Mais recentemente, um novo projeto de restauração do Forte Orange foi proposto buscando aliar a preservação do patrimônio ao seu uso auto-sustentável através de uma política de implantação de novas tecnologias com a garantia de preservação das características do conjunto arquitetônico.

Na realidade, não se sabia ao certo o que restara do forte holandês, até mesmo se teria sido construído no mesmo local do forte atual.

Deste modo, a realização de um estudo arqueológico sistemático no Forte Orange, antecedendo a elaboração de um Projeto de restauração, não apenas aportou maior conhecimento acerca de suas feições passadas, como garantiu o resgate e preservação dos elementos materiais de épocas passadas, dos primeiros construtores daquele patrimônio cultural.

Metodologia

O estudo arqueológico do Forte Orange envolveu o levantamento de fontes documentais primárias e secundárias no Brasil, em Portugal e na Holanda.

A iconografia reunida, ao lado da documentação textual, se mostrou de grande valia tanto na programação da abordagem do terreno, quanto na interpretação das estruturas resgatadas.

O trabalho de campo abrangeu três fases distintas:

- A análise de estruturas arquitetônicas presentes;
- Prospecção geofísica, aplicada na busca de eventuais estruturas externas de defesa;
- Escavação sistemática nas diferentes áreas funcionais do forte, envolvendo a praça de armas, as dependências, os terraplenos e ainda trechos do fosso e hornaveque, registrados na iconografia.

A escavação foi realizada utilizando-se distintas técnicas, adequando-se às necessidades das características do terreno, aliado às expectativas relativas ao trecho.



Figura 1- Vista parcial da escavação da praça de armas.

Resultados

Na realidade o Forte Orange se mostrou, como sítio arqueológico, bem mais rico do que se ousava esperar. A vasta documentação de suas reformas e as notícias das freqüentes fases de quase destruição por que passou, sugeria que pouco teria restado do registro. Arqueológico de seus primeiros tempos. Esteve ainda, durante o longo abandono que sofreu, a mercê

de ‘caçadores de tesouros’, e de ‘sonhadores de botijas’. Mas, nas suas areias ficaram preservados testemunhos de suas diferentes fases.

Assim é que foi possível, mediante uma escavação arqueológica sistemática e abrangente, conhecer-se muitos aspectos de suas diferentes fases.

Da fase mais antiga, foi identificada uma grande trincheira, possivelmente escavada para salvaguardar os primeiros construtores de um possível ataque das forças da Vila Conceição. Ainda da mesma fase, possivelmente a primeira ocupação provisória, holandesa, foi identificada uma grande área, provavelmente um alojamento.

Da última fase holandesa, conhece-se agora os limites de sua praça de armas, e a área abrangida por seus quartéis, construídos em pedra.

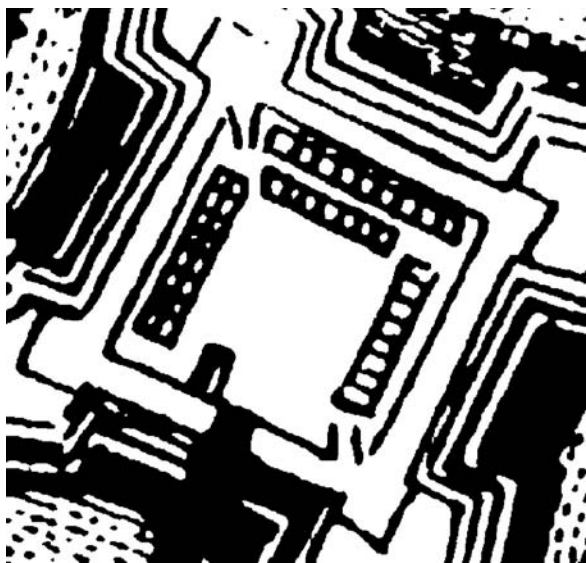


Figura 2 – Detalhe de iconografia coeva, mostrando os quartéis holandeses.

A escavação sistemática da praça de armas permitiu resgatarem-se as fundações daquelas estruturas, além de parte do piso das dependências.



Figura 3 - Parte dos antigos pisos de dois cômodos de quartéis holandeses, revestidos com tijolos.

É ainda deste período a casa de pólvora, em parte construída com tijolos de origem holandesa cujas características físicas os tornava próprios para uso em

áreas que se buscava isolar da umidade. Uma casa de pólvora de paredes em tijolos, reforçada externamente por uma segunda parede em pedras. O piso em tijolos, recebia à época uma camada de carvão, cuja função estava também associada à evitar a umidade.



Figura 4 - Observe-se a diferença entre a parede interna em tijolos, e em pedras na área e externa da casa de pólvora.

No centro da área interna do forte holandês foi resgatado um poço que abastecia o forte. Sua técnica de construção é condizente com exemplos encontrados em escavações de estruturas do mesmo período, na Holanda. O terreno de areia solta, representa um desafio à sustentação das paredes do poço, sobretudo no momento de sua abertura. No caso, o poço foi aberto utilizando-se um barril, cujo topo e base foram removidos. A escavação se fazia no interior do barril que descidia à medida que se escavava o poço. Os aros e paredes de madeira proporcionavam assim a manutenção da abertura no terreno.



Figura 5 - Detalhe do interior da cacimba holandesa, revestida internamente por um barril. Observem-se as dornas conservadas no limite do nível freático.

A escavação arqueológica do Forte Orange permitiu ainda conhecer-se a estrutura das muralhas holandesas, erguidas em terra, entremeada de ramagens. Foi possível também reconstituir-se a extensão e altura daquelas muralhas, cujos parapeitos eram reforçados por uma estrutura em madeira.



Figura 6 - Remanescente de antiga muralha de terra, encimada por estacas de madeira, presas entre si por cravos de ferro, com cerca de 20cm de comprimento.

Diferentemente do forte construído pelos portugueses, o Forte Orange apresentava sua porta principal voltada para o Canal de Santa Cruz. Com a reforma empreendida pelos portugueses a antiga porta foi parcialmente destruída e encoberta pelas areias do reparo do terrapleno da cortina.



Figura 7 - Conjunto das estruturas relacionadas à antiga porta do Forte Orange.

Quanto às estruturas externas de defesa, o hornaveque se apresenta tanto na iconografia holandesa³, quanto portuguesa (referente ao forte holandês). As representações de um e de outro, entretanto não coincidem.

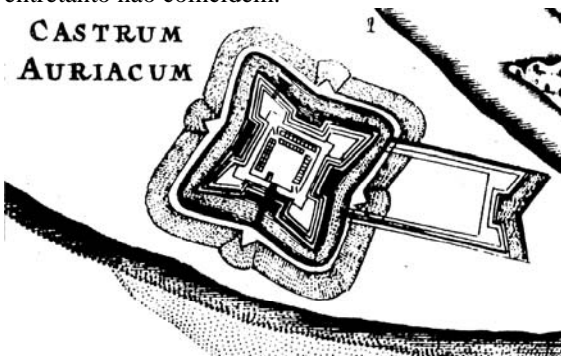


Figura 8 - Forte Orange. Detalhe do Mapa da Ilha de Itamaracá, autor desconhecido

Tratava-se provavelmente de uma obra em terra, e a ação marinha possivelmente teria alterado sua disposição ao longo do tempo. Sobretudo a ação dos pequenos cursos d'água que formavam a 'ilhota' em que se instalara o forte, meandrante em seu curso final em freqüente deslocamento, possivelmente destruiu e construiu parte do terreno que envolve o Forte. A pesquisa geofísica aplicada àquele terreno, não trouxe elementos que pudessem estar associados àquela estrutura de defesa.

Tampouco foram frutíferos os resultados obtidos com a escavação de uma série de trincheiras na área.



Figura 9 - Uma das trincheiras abertas na área que teria existido o hornaveque.

Por outro lado, outras estruturas externas foram resgatadas: estruturas de defesa militar e estruturas de defesa contra as águas do mar, das correntes marinhas que ameaçavam o Forte.

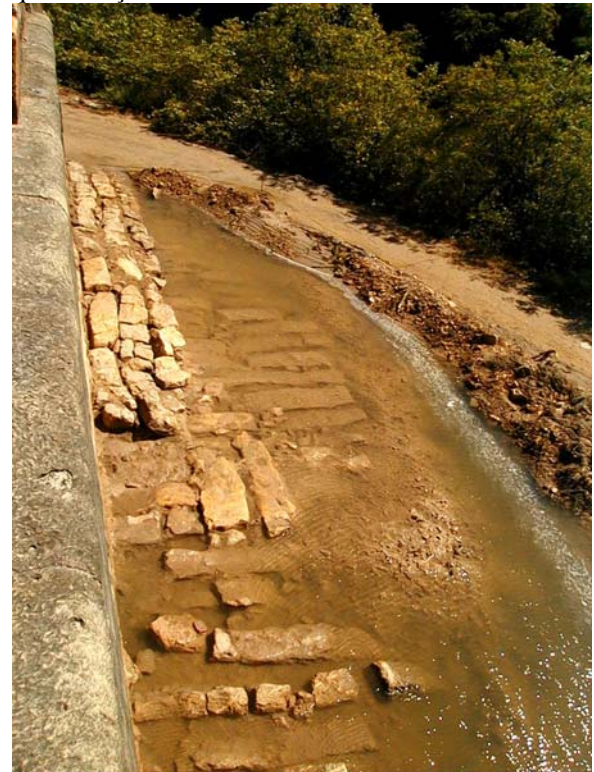


Figura 10 - estrutura de defesa contra as águas do riacho que contorna o Forte.



Figura 11 - A presença de ostra aderida à parede do Forte, revela que o mar chegou a atingir suas muralhas.

Ainda na face voltada para o Canal, foi regatada arqueologicamente uma linha externa defesa constituída por uma sólida construção em pedras.



Figura 12 - Estrutura em pedras, limitando externamente o fosso.

A pesquisa arqueológica permitiu ainda o resgate de um enorme conjunto de fragmento de artefatos representativo dos distintos períodos de ocupação militar da área. Um acervo que reúne tanto peças do sistema de defesa propriamente dito, como armas brancas e de fogo, munições, palamentas, etc., quanto peças do cotidiano 'doméstico' das tropas, representado pela louça e tralha de cozinha. Moedas perdidas e talvez escondidas (conjunto de moedas reunido) que abrangem desde as primeiras décadas do século XVII ao século XIX.



Figura 13 - Fragmento de faiança grossa.

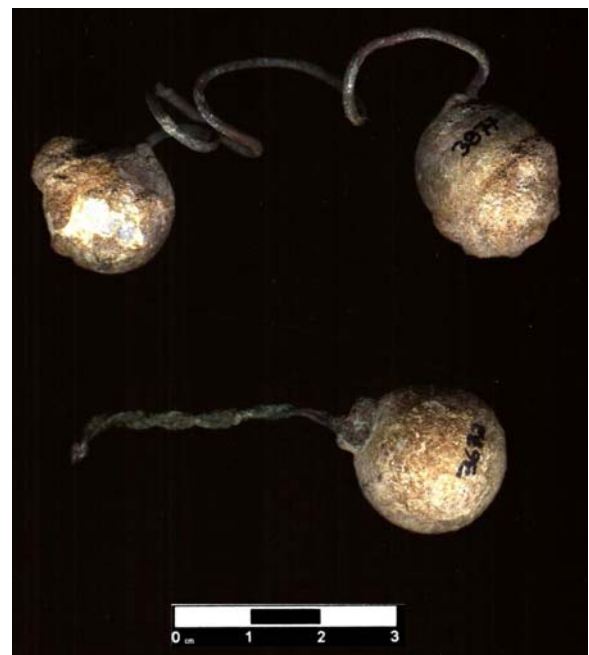


Figura 14 - Projéteis em chumbo, atados entre si, o que os tornava ainda mais terríveis.

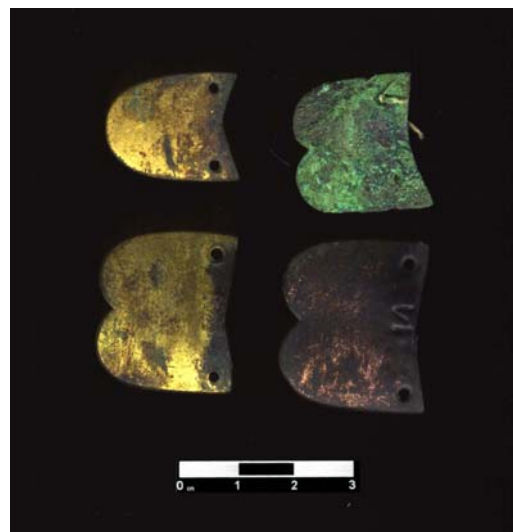


Figura 15 - Peças de cota para defesa individual.



Figura 16 - Estatuetas esculpidas em osso.

Objetos pessoais de fardamento aos elementos de prazer como os cachimbos para fumar.



Figura 17 - Detalhe de um forninho de cachimbo de argila branca, antropomorfo, resgatado no Forte Orange..

É importante observar que os resultados obtido na escavação do Forte Orange não se restringem apenas ao conhecimento daquele forte, mas que trazem novas perspectivas para o conhecimento acerca das estruturas de defesa holandesas no Brasil. Ressalte-se ainda que do ponto de vista do interesse, tanto científico quanto da restauração, e da musealização, as peças encontradas oferecem um forte potencial para exposição.

Maiores detalhes sobre esta e outras pesquisas arqueológicas podem ser obtidas visitando o site:
www.magmarqueologia.pro.br

Referências

¹ MELLO, José Antonio Gonsalves de. Tempo dos flamengos. Secretaria de Educação e cultura, Departamento de Cultura, Coleção Pernambucana, 2ª edição, vol. XV, Recife, 1978.

² DUSSEN, Adriaen Van der. Relatório sobre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses (1639). Instituto do Açúcar e do Alcool (série História), III, Rio de Janeiro, 1947.

³ Forte Orange. Detalhe do Mapa da Ilha de Itamaracá, Estão representados a Cidadela Schkoppe (Vila da Conceição) e o Forte Orange. Autor desconhecido. Inseto na obra História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil, de Gaspar Barleus. Ed. Fund. Cult. Cidade do Recife. Recife 1980. Rep. Fac-similar das gravuras que ilustram a 1ª edição de 1647.

E-Mail do Autor

marcos@magmarqueologia.pro.br